CDU 39(813.4)

O SIMBOLISMO EM PERNAMBUCO

Danielle Perin Rocha Pitta

Se entendermos por Antropologia o estudo aprofundado do homem, se entendermos por Psicologia uma compreensão também aprofundada do que se passa com o indivíduo, e se entendermos por Sociologia a pesquisa dos mecanismos mais profundos que conduzem o social, teremos então de definir de que maneira este aprofundamento do conhecimento do humano pode se dar.

Seguindo a evolução do pensamento a este respeito nos últimos anos, veremos que um aspecto importante do humano vem sendo cada vez mais alvo de interesse: o aspecto simbólico.

Assim é que o psicanalista suíço C. G. Jung, descobrindo em seus pacientes imagens existentes na mitologia de outras culturas, pôde desenvolver a noção de arquétipo que iria permitir uma compreensão maior das imagens criadas em nível individual; assim é que o filósofo francês Bachelard veio a considerar a imaginação como um "dinamismo organizador"; assim é que Mircea Eliade, ao longo de suas investigações, pôde levantar grande quantidade de imagens universais.

Assim, ainda, o sociólogo Roger Bastide, nas suas investigações, considerou essencialmente o aspecto simbólico do material em estudo.

A partir dêstes dados, e de outros mais, o antropólogo francês Gilbert

1 Os dados contidos neste artigo foram tirados da tese de doutorado *O impacto sócio-cultural sobre o regime das imagens,* Univ. des Sciences Sociales de Grenoble - 1979.

Durand veio a estabelecer "As estruturas antropológicas do imaginário", onde este imaginário é considerado como uma função psíquica. A teoria de Gilbert Durand, por sua vez, forneceu os elementos necessários para que Yves Durand construisse o seu teste, o arquétipo teste de 9 elementos (AT-9) que iria se tornar um instrumento de investigação não somente em psicologia, mas também em sociologia e antropologia.

Gilbert Durand entende o simbolismo como conseqüência "do constante intercâmbio existente em nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social".

Os arquétipos (universais) "constituem o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais", e são anteriores aos símbolos (especificidade cultural).

Por outro lado, é possível sustentar a tese segundo a qual o Recife, como centro de atração por suas Universidades, Centros de pesquisas, indústrias e comércio, é representativo de uma cultura específica que a rodeia, abrangendo, grosso modo, os Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. [2]

Veremos, pois, a seguir, quais são as estruturas do imaginário que podem se encontrar no Recife, o tipo de angústia que aí se desenvolve, as armas utilizadas para combater essa angústia, e ainda o simbolismo ligado a elementos essenciais como a água e o fogo. Desta forma será obtida uma visão das características culturais aqui presentes, de maneira, acreditamos, bastante aprofundada.

1. FONTE DOS DADOS

Os dados expostos aqui foram recolhidos através de instrumentos criados a partir da teoria de Gilbert Durand sobre "As estruturas antropológicas do imaginário".

Baseado na existência de imagens universais, os arquétipos, e na variação ou derivação destas imagens dentro do contexto sócio-cultural, o psicólogo Yves Durand, utilizando imagens recolhidas por Gilbert Durand nas mais diversas culturas, criou um teste a um só tempo psicológico (projetivo) e antropológico: o AT-9 (arquétipo teste de 9 elementos).

O teste consiste em efetuar uma composição (um desenho) empregando 9 arquétipos dados. Depois do desenho, conta-se a estória que ocorre (dimensão

2 Esta delimitação foi proposta pelo antropólogo Waldemar Valente.

temporal) e responde-se a um questionário esclarecendo os termos da composição e explicitando o simbolismo nela contido.

A análise do teste possibilita a obtenção de dados em vários planos:

– Tipo de estruturação (tipo de relação criado entre os diversos arquétipos utilizados) dando conta da atitude do indivíduo diante da angústia existencial.

– Tipo de ação desenvolvida, incluindo:
. sujeito (quem age?)
. objeto (para quê?)
. armas utilizadas (com quê?)
. tipo de oponente (quem ou que se opõe à ação do sujeito?)
. tipo de ordem à qual o sujeito é sensível (se ele criou um estado de ordem ou desordem, de ameaça, etc.)
. o grau de aceitação da criação do autor.

Trata-se, pois, da criação de um microuniverso mítico onde vem se inscrever não só diversos aspectos individuais mas, também, diversos elementos da cultura e do meio social onde este se encontra.

Vários instrumentos de análise foram criados, originários da mesma teoria e utilizados na nossa análise, permitindo a interpretação de mitos, representações folclóricas, literatura, arte em geral. Trata-se de mitocrítica e mito-análise, e Gilbert Durand, em uma de suas últimas publicações, fala em Mitodologia. Mas falaremos aqui principalmente dos dados obtidos através do AT-9.

O teste foi por nós utilizado em duas circunstâncias:

– uma primeira vez com a finalidade de observar as derivações de imagens em quatro grupos sócio-culturais do Brasil. Sendo que nítidas diferenças puderam ser observadas de um grupo para outro.

– uma segunda vez, atendendo a solicitação de psicólogos, com a finalidade de efetuar a padronização do teste para a cultura específica presente no Recife.

É a partir dos dados obtidos nestas duas pesquisas que irei expor aqui alguns aspectos do universo simbólico existente no Recife e representativo, acredito, da cultura regional.

2. AS ESTRUTURAS DO IMAGINÁRIO

Segundo a teoria de Gilbert Durand, diante da angústia causada pela passagem do tempo e pela morte, existem três tipos de reação possível no nível imaginário: seja enfrentar a angústia de armas nas mãos (estrutura heróica), seja construir uma harmonia (estrutura mística), seja utilizar as duas soluções acima simultaneamente ou dar uma solução através de um tempo cíclico (estrutura sintética). Existem ainda os casos ditos desestruturados em que, diante de uma angústia extrema, o personagem, paralisado de pavor, não apresenta solução alguma, ou não consegue estruturar o desenho.

Na primeira pesquisa (feita com 298 sujeitos estudantes universitários), estes diversos tipos de estruturação foram encontrados praticamente em iguais proporções o que significa que, na população estudada, uma proporção equivalente de indivíduos propõe uma solução heróica à sua angústia: isto é, empunha a espada e enfrenta o monstro; ou elabora um espaço onde tranqüilidade e harmonia não permitem a atualização da angústia; ou, ainda, através de uma longa estória reduzem o impacto dessa angústia diluindo-o no tempo. Em proporção ligeiramente maior entretanto, em relação às anteriores, vamos encontrar os desestruturados entre os quais dominam largamente aqueles que não conseguem formular uma temática, ou seja, criam uma situação terrivelmente angustiante e não conseguem ver nenhuma solução.

A atualização da angústia é observável na desestruturação, como foi visto, mas, também, sob outras formas. Dentro da estruturação heróica, por exemplo, parte dos heróis (± 20%) perdem a luta e são devorados. Para a estruturação mística é muitas vezes visível, rondando a harmonia construída, um monstro mais ou menos longínquo. Finalmente, entre os temas sintéticos ditos polimorfos que atualizam uma solução no tempo, esta solução nem sempre é positiva e, por vezes, o final da estória é uma destruição total ou um desgaste dos valores, etc.

Assim, podemos observar que, no grupo estudado, se a vitória sobre a angústia é muitas vezes possível, ela nem sempre é evidente; se a segurança é freqüente, a insegurança parece ser relativamente importante; quanto ao grau de angústia — elevado se forem consideradas, por exemplo, as porcentagens encontradas na França — nos revela um grau importante de inadaptação dos indivíduos ao meio.

A segunda pesquisa, em função da padronização do teste, realizada 5 anos depois, deu resultados um pouco diferentes.

No que diz respeito à proporção da presença de cada estrutura na amostra (de 995 sujeitos estudantes universitários), houve uma diminuição de respos-

tas místicas com o conseqüente acréscimo, em proporções próximas, das estruturas heróica e sintética e de desestruturação. A proporção de derrotas para os temas heróicos se mantém aproximada à anterior, enquanto a presença de angústia cresce ligeiramente de uma forma geral, e mais particularmente em relação aos desestruturados (em 81% dos casos a angústia está presente). Estes resultados, em parte, vêm confirmar os anteriores, em parte colocam mais em evidência a presença de angústia, nos testes, justificando a observação de Yves Durand segundo a qual: "a profundidade de ansiedade pode ser assimilada àquela da desestruturação": angústia e desestruturação vão de par.

3. O TIPO DE ANGÚSTIA QUE SE DESENVOLVE

Na grande maioria dos casos, no que diz respeito à representação gráfica, a angústia apresenta-se sob forma de um monstro devorador. Mas este monstro muda de forma segundo o contexto sócio-cultural. Assim é que a maioria dos monstros representados no AT-9, na França, são monstros pré-históricos, enquanto para nossa amostra ele se apresenta, na maioria dos casos, como antropomorfo.

Essa forma humana atribuída ao monstro é pouco freqüente na França ou Bélgica, e Yves Durand considera este tipo de representação própria do adolescente em conflito direto com pais ou irmãos. No entanto a incidência destes casos no Recife é muito elevada para que esta observação seja significativa. Parece-nos mais pertinente ligar esta aparência humana do monstro à própria história e situação sócio-econômica regional onde vamos encontrar, em nível econômico: a oposição mestre-escravo, em nível familiar: um patriarcalismo rígido, que poderiam justificar esta concepção do oponente como sendo essencialmente humano.

O simbolismo diretamente ligado a esta angústia representada pelo monstro se concentra sob as formas de: covardia, maldade, crueldade, medo, terror, prejuízo ou, ainda, com uma incidência menor: ameaça, obstáculo, derrota, decadência, timidez, impotência. Vemos então que se trata de uma angústia que pode facilmente ser causada pelo ser humano, mas sem uma percepção mais universal do problema. Com efeito, em outros grupos, o simbolismo ligado à angústia pode ser guerra, destruição, desespero, miséria (Curitiba) ou ao contrário, um nível mais imediato: acidente, morte.

Outro elemento vem concentrar a expressão da angústia: é a queda. Esta queda é, na maioria das vezes, para nossa amostra, sinônimo de decadência, fraqueza e derrota. Trata-se de uma queda moral e não, como para outros grupos, de uma queda que pode vir a representar injustiça, dor, repulsa ou ainda o fim do mundo.

Estas são as principais formas de angúitia. Outras há, ligadas à água, ao fogo, aos animais e, por vezes, até ao refúgio (para Recife). (O refúgio é 100% mais angustiante para o grupo do Recife do que para o grupo idêntico de Curitiba); e, ainda, estranhamente, à espada: o simbolismo a ela ligado é freqüentemente (90 casos) um simbolismo de angústia repartido sob suas várias formas.

Uma forma de angústia praticamente inexistente na amostra é aquela ligada ao temor sobrenatural, ao pecado, à magia, ao diabo, à fatalidade, ou ainda à monotonia, solidão, inutilidade, tristeza.

Em resumo podemos dizer que, com exceção talvez da água, todos os elementos contidos nos testes são investidos de angústia neste grupo estudado do Recife. Que esta angústia se caracteriza essencialmente por um simbolismo específico a ela ligado e já citado (covardia, maldade, etc.) que é um simbolismo à meio termo entre conceitos mais abstratos (absurdo, acaso, etc.) e outros mais concretos (acidente e morte). Podemos salientar ainda um aspecto desta angústia: existe um aspecto coletivo no simbolismo escolhido que pode se opor a um aspecto mais individual como aquele contido em símbolos como monotonia, solidão, inutilidade, tristeza que quase não aparece.

4. AS ARMAS UTILIZADAS

Diante de tantos monstros ameaçadores é preciso afiar as armas para o combate. Essas armas, ou ainda, essas maneiras de se opor à angústia, podem se apresentar sob os aspectos mais diversos.

A nossa amostra de estudantes do Recife recorre, principalmente, a dois adjuvantes: primeiro à espada, depois ao refúgio.

Esta espada que, em grande parte dos casos, se encontra na mão do personagem, é uma espada semifuncional (que já serviu ou vai servir) ou funcional (servindo para ataque e defesa). No entanto, como já foi visto, ela é freqüentemente ligada a um simbolismo de angústia em todas as suas formas. (Ex.: morte, guerra, ferimento, etc.). Somente na metade dos casos em que a espada está presente ela é ligada a um simbolismo heróico (força, coragem, etc.). Na comparação entre 4 grupos sócio-culturais do Brasil (Curitiba, Recife, Índios Fulni-ô, Xangô) o do Recife é que menos liga um simbolismo heróico com a espada. É também, paralelamente, o que menos liga um simbolismo heróico com o homem (com o personagem).

Já o refúgio, adjuvante próprio às estruturações místicas, é visto essencialmente como um local protetor, principalmente representado sob forma de

gruta. O simbolismo a ele ligado é, na grande maioria dos casos (68%), místico (tranqüilidade, aconchego, etc.). (Se bem que para os Fulni-ô, por exemplo, a presença deste simbolismo é bem maior: 89%).

Resta ainda, como meio de defesa, a fuga ou a providência. Neste caso, o personagem, diante do monstro, foge, ou aparece algum ser sobrenatural que resolve por ele. Esta é a terceira solução mais escolhida pela nossa amostra depois da espada e do refúgio.

A freqüência da escolha do elemento cíclico, ou seja, de uma resolução da angústia através de uma continuidade no tempo, não é significativo.

O principal ator que utiliza estas armas é o homem comum, o homem de todo dia, apesar do teste ter sido aplicado em quantidade praticamente equivalente de elementos do sexo masculino e feminino.

5. O SIMBOLISMO DOS ELEMENTOS ÁGUA E FOGO

Esses dois elementos essenciais para a vida, tão bem estudados por Bachelard ("Psicanálise do fogo", "A água e os sonhos") vão se ligar, para o Recife, a todo um simbolismo específico.

Para o grupo estudado, a água se apresenta principalmente sob forma de queda d'água, com menos freqüência sob forma de lago ou mar. A sua função é antes de tudo utilitária, mas é, também, freqüentemente tratada de maneira simbólica. Ela pode, ainda, ser decorativa.

Esta água é por vezes ligada a um simbolismo de angústia (5,3%): morte, perigo, etc., por vezes ao simbolismo sintético (7,3%). De maneira muito mais importante, como seria de prever pela sua aparência diurna e vivida, esta água se acompanha de um simbolismo heróico (21,5%). Entretanto, na grande maioria dos casos (65,8%), trata-se de uma água mística, isto é, de uma água que compõe um ambiente de tranqüilidade, ou que representa um refúgio, a calma, o repouso, possíveis num quadro em si conturbado. Este resultado se enquadra entre aqueles obtidos em outros grupos do Brasil onde o simbolismo ligado à água é essencialmente místico.

No que diz respeito ao fogo, este adota muito mais a forma de fogueira (48,4%) do que a forma de chama da goela do monstro (12,6%), e pode ser também aquele de incêndios e vulcões. A sua função principal é de ser perigoso (31,4%). As seguintes, por ordem de importância, sendo de aquecer (19,7%) e ser útil (15,2%). O simbolismo, em acordo com a função, é um simbolismo princi-

palmente de angústia (41,2% dos casos): destruição, perigo, acidente, etc. Quando não é angustiante, trata-se de um fogo mais místico (32,6%) do que heróico (23,1%), mais ligado a imagens de aconchego em torno do calor, de reunião, ou ainda um fogo indispensável à luta do herói, dando-lhe claridade e, por vezes, até devorando o monstro.

Há, pois, aqui, pouca sensibilidade ao aspecto fertilizante da água, ao seu aspecto de início das coisas contido na imagem das fontes.

Para o fogo temos pouca sensibilidade ao aspecto purificador deste, e também ao aspecto de sua origem solar. Aqui, quando o fogo é representado pelo sol, trata-se daquele sol do sertão que destrói as plantações, mata o gado e as pessoas.

Restam, pois, em resumo, a presença de uma água positiva (apesar das enchentes que vêm freqüentemente perturbar os recifenses) e de um fogo perigoso, apesar de ser tão bem domesticado nas cidades grandes.

6. TEMAS MÍTICOS

Entre os dados recolhidos encontram-se temas míticos diversos que ilustram bem o sincretismo cultural presente no Recife. Aparecem, em grande quantidade, alusões a elementos valorizados de maneira geral na região, tais como as festas de São João, a lenda de São Jorge, o papa-figo e o lobisomem e os engenhos.

Encontram-se, também, temas mais universais: travessias perigosas, monstros marinhos, centauros e minotauros, príncipes e espadas encantadas, a Bela e a Fera, Dom Quixote . . .

Os temas míticos primeiros, os regionais, são reencontrados, bem vivos, no folclore. Assim é que a festa de São João mantém, na região, seus significados de alegria, comunhão em torno dos alimentos (as comidas à base de milho, tradicionais, depois de feitas são oferecidas aos parentes e amigos, criando uma rede de trocas), criação de vínculos familiares através de convite de apadrinhamento; isto tudo em torno de uma fogueira bem viva (um fogo, por uma vez, purificador, positivo). São Jorge (e o dragão) vai reencontrar-se, na crença popular, representado nas manchas da lua. Por este intermédio torna-se próximo aos deuses da reprodução, da fecundação, da germinação. Papa-figo e lobisomem são figuras aterradoras muito vivas, presentes nos dizeres populares e no material analisado. Os engenhos também são povoados de inúmeras almas penadas, seja de sinhazinhas, seja de escravos.

Temas míticos de origem européia são encontrados, da mesma forma, tanto no folclore e na literatura (de Cordel ou não), como nos testes estudados.

CONCLUSÃO:

Em vista dos resultados da análise dos símbolos empreendida, é possível determinar alguns traços específicos da cultura estudada.

Assim é que a classificação dos símbolos em diversos regimes (místico, heróico, sintético, de angústia), revela um grupo muito angustiado e procurando mais freqüentemente um refúgio (calma, tranqüilidade, paz) do que uma luta aberta.

O simbolismo místico diz respeito essencialmente aos elementos refúgio, cíclico e água, enquanto a angústia se encontra ligada aos elementos queda, espada, monstro e fogo.

Nota-se também — com a análise do tipo de simbolismo ligado à angústia e o tipo de ação que o personagem desempenha — um sentimento (quantitativamente importante) de incapacidade na resolução dos conflitos (as armas propostas são muitas vezes ineficientes).

Finalmente, após uma longa análise que não caberia aqui, chega-se à conclusão de que a cultura estudada se caracteriza essencialmente por uma dialética estabelecida entre os dois regimes da imagem (diurno e noturno) em que existe uma preocupação em manter os termos da oposição, para que o diálogo continue.